

Rio de Janeiro, 19 de janeiro de 2018

Querida Fernanda Paulo,

Parabéns! Você conseguiu articular um conjunto de pessoas (que não necessariamente pensam da mesma maneira) em torno do seu tema, defendendo suas posições petista-militantes - que aparecem cada vez mais claras na parte final da tese.

Claro, eu não sou a pessoa adequada para dar um parecer global. De modo inverso, como se trata de um tipo de literatura que normalmente não leio, sua tese foi – para mim – muito informativa e exemplar. Gostaria de fazer algumas pequenas observações, talvez sem relevância para muitos.

Procure, porque não marquei a página, mas existem erros na conjugação do infinitivo pessoal – quando o primeiro verbo é conjugado, o segundo permanece no infinitivo. São poucos, mas v. deu relevância a uma citação com o referido problema. Parece-me que, neste caso, ou não se usa a citação, ou pode-se corrigi-la como uma gentileza – já que é algo formal, não modifica qualquer significado. Foi uma distração e nós somos pobres mortais que também nos distraímos. Ele mesmo se distrai outra vez ao dizer que “a muito elitismo ainda” ao invés de “há muito elitismo ainda”. V. repete e ressalta, ao invés de corrigir. Infelizmente, no Brasil, usa-se este tipo de equívoco como parte de uma competição na qual só um lado participa, ou “guerra suja” – o que não foi o caso. Em geral faz-se silêncio sobre o trabalho daqueles com os quais não estamos de acordo, ou seja, matamos em vida. Não eu nem v., porque o normal seria me excluir dos autores estudados. De qualquer modo, na página 213 que resume minha trajetória, há muitos erros. Claro que alguns derivam da “fala”, se é que isso deriva de uma conversa. Há expressões que eu não usaria. Milton Sucupira eu não sei quem é. Mas, Newton Sucupira criou a pós-graduação no Brasil e me convidou para dar uns 2 cursos no doutorado em Educação na UFRJ. Criei uma ONG onde se faziam pesquisas (diferente de uma ONG - faziam pesquisas e publicavam – QUEM? A ONG?). Meu professor Heydorn escreveu e eu transpuse ao português a introdução à *tradução alemã do livro de Etienne de La Boetie* (e NÃO ELIENE DE LA BOESI). Este foi o “artigo” que lhe mandei, não um artigo e uma introdução. Quem iniciou a coleta das canções populares foi HERDER, ainda no período do *Sturm und Drang* e não Herbert, um pedagogo alemão mais recente.

Quero crer que tudo isso se deve a um copy-desk mal feito, mas o que deixa ver é muito claro: v. não se deu ao trabalho de ler o que devia para poder escrever sobre mim. Em nenhuma página *Paulo Freire e o nacionalismo desenvolvimentista* – publicado em 4 idiomas, em diversas edições – é mencionado (claro, não tem “educação popular” no título), do mesmo modo que o material que lhe enviei gentilmente (Ainda sobre Vieira Pinto, Anotações para um estudo do populismo católico e a educação no Brasil, que se encontra na coletânea *Perspectivas e Dilemas da Educação Popular*, ed.

Graal.).Enviei porque eles contêm elementos importantes para a compreensão da obra de Paulo Freire. Silêncio!

Corrigindo: iniciei meus estudos superiores em 1962 na Universidade do Brasil. Transferi-me para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em 1963 no RN, estadual, em razão de meu casamento. Fui, de fato, professora de inglês do ginásio da escola Pe. Miguelinho, numa região então pobre de Natal , por ter cursado a Cultura Inglesa e me diplomado em 1961. Depois de formada fiquei como professora do curso de pedagogia e fundei, com outros, um Serviço de Psicologia Aplicada (CEPA), considerando que eu havia estagiado com Nise da Silveira em 1962 e feito cursos privados sobre testes projetivos com José Otávio de Freitas. Anos depois fui bastante perseguida por ter liderado a greve pela federalização da Faculdade, já que o Estado não nos pagava. Daí me interessei pela extensão universitária que, na área da educação, era fundamentalmente formada de cursos da alfabetização. Nestes, a equipe se montou com membros do MEB desmantelado pela ditadura, à exceção de Naira Vargas, denunciada à Reitoria como comunista: o método era uma mistura de PF com o Mutirão. Não tendo formação específica na área, aceitei em seguida candidatar-me ao curso do CREFAL, entidade ligada à UNESCO-OEA no México. Por ele passaram muitos brasileiros entre os quais Carlos Brandão. Retornei ao Brasil depois do golpe de dezembro de 1968 e fui cassada em agosto do ano seguinte, quando retornei ao Rio de Janeiro já matriculada no Mestrado em Educação da PUC/RJ – na mesma classe que Osmar e Lurdes Fávero, Cândido e Lourdes Grybowsky e muitos outros. A partir de 1971 comecei a trabalhar no IBRADES e escrevi minha tese de mestrado (diga-se que, praticamente sem nenhuma orientação) apresentada em dezembro d 1972 e publicada em 1973 (ela é indicada, em sua tese, em 1978 – quando já estava no mercado há 5 anos). Segui imediatamente, com uma bolsa do DAAD, para o doutorado na Universidade de Frankfurt/M, onde completei meus créditos em março de 1974 (quando voltei ao Brasil) e a apresentei em julho de 1978. Permaneci no Ibrades até janeiro de 1985, quando passei à direção do INEP, onde caí por acaso – meu nome era o único da lista conhecido do Marco Maciel que havia seguido o desdobramento da. Conferência de Educação em Niterói, de cuja organização participei, e visto no jornal uma citação do meu simpósio. Depois disso tentei me integrar na UFRJ, sem êxito, e sendo anistiada em 1991 decidi pela aposentadoria precoce e a fundação do Instituto de Estudos da Cultura Educação continuada (IEC), RJ, dedicado principalmente a questões ligadas à educação e trabalho. O IEC publicou 11 números da Revista *Contemporaneidade e Educação*. A Comissão de Educação do CLACSO, à época em decadência, esteve sob minha coordenação por dois anos no início dos anos 90. Nos últimos anos dediquei-me ao estudo de um movimento (muito atual) alemão do século XIX (*A Reforma da vida*, virtual, Jaguaticira, Rio de Janeiro, 1916) e à edição de uma *Encineclopédia de um Cinéfilo*, deixada inacabada por meu marido, Claude Dubar (em processo de finalização).

*Retomando o seu conteúdo:* Eu me espantei ao ver Luckács citado em 1965 e tratei de desculpar, porque não tínhamos bibliotecas nem conhecimento de autores estrangeiros. Mas ver hoje v. misturar o Luckács da *Ontologia* (conhecida entre nós através do repetitivo e chatíssimo livro do Mézaros, que é de 1975) com Sartre me faz atônita. V. não leu o livro de Luckács citado por Freire “*A destruição da razão*”? Um delírio estalinista que ataca Sartre diretamente.

Uma questão dramática é a da “educação bancária”. Ora, o cérebro é um músculo – que se fortalece quanto mais é usado. Uma grande quantidade de bons e inúteis conhecimentos é algo muito útil, porque só mantermos aquilo que realmente aprendemos. Bancária aonde?

Mais uma vez, parabéns. Bjs, Vanilda